

510



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PROC.-	860
LIV.-	01
PAG.-	26
REG.-	839

TÍTULO : "FORROBODÓ"

AUTOR: LUIZ PEIXOTO e CARLOS BITTENCOURT

DISTRIBUIÇÃO

PROCESSO:

6693/71-SRA

59195/68-DFSP

10596/68-DR-GB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL



15 FEV 10 20 7 06693

# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920  
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO  
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 1971

Ilmo. Sr.  
Chefe do Serviço de Censura de Diversões  
Públicas do Departamento de Polícia Federal  
BRASÍLIA =DF

Prezado senhor.-

Temos o prazer de passar às mãos de V.Sª. três (3) cópias mimeografadas da peça "FORROBODÓ" da autoria de nossos associados srs. LUIZ PEIXOTO E CARLOS BITTENCOURT, a fim de ser censurada conforme determina o regulamento desse conceituado Serviço.

Essa peça deverá ser levada nesta capital, no mês de maio do corrente ano, no que solicitamos-lhe, por obséquio, urgência na aprovação da mesma.

Sendo só para o momento, subscrevemo-nos e agradecemos.

Cordialmente

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS  
Subscrevem: Carlos Bittencourt  
*Carlos Bittencourt*  
CARLOS BITTENCOURT  
Diretor

FORROBODÔ

PERSONAGENS.

GUARDA NOTURNO.  
ESCADANHAS  
SEBASTIÃO  
PRAXEDES  
BARRADAS  
LULU  
MAESTRO  
BICO DOCE  
PENETRA  
FUZILEIRO  
ZEFERINA  
RITA  
SIA ROSA  
MADAME PETIT POIS  
1º MULATO  
2º MULATO  
3º MULATO;

POPULARES, MÚSICOS ETC;;;ETC;;;

AÇÃO: NUM SUBURBIO DO RIO DE JANEIRO.

- TEATRO POPULAR DO SESC-

REPERTÓRIO: O NOVIÇO-MARTINS PENA.  
FORROBODÔ-LUIZ PEIXOTO E CARLOS BETTENCOURT.

" F O R R O B O D O "

Burleta de costumes Cariocas em 3 atos  
de LUIZ PEIXOTO e CARLOS BETTENCOURT.

MÚSICA DE FRANCISCA GONZAGA.

(trecho de rua suburbana. Ao fundo fachada de casa assobradada, com sacada e portas praticáveis no andar térreo, e no primeiro andar, mastro com bandeira e o escudo do clube. Época-1.910.)

(Há um intenso movimento no interior. Á porta de entrada, Praxedes com a braçadeira da agremiação, recebe os associados. - Na rua, curiosos e associados. Ouvem-se apitos insistentes, fóra. Entram vários homens e mulheres em trajas de dormir.)

CORO GERAL-

Que será, que haverá? Sarrabulho?  
Porque está todo o povo alarmado?  
Que barulho! Que barulho!  
Não se pode dormir sossegado.

CORO DE MULHERES

Que foi isso? Que foi isso?  
Por que tanto reboliço?

(Entra Sebastião, apitando desesperadamente.)

SEBASTIAO: De polícia não há furo.  
De apitar cansado estou!  
O ladrão saltou o muro,  
Bateu asas e avuou!

Um do povo-Mas afinal, o que é que está havendo no beco?  
Sebastião.(chorando)-Um ladrão limpou o galinheiro do patrão! Não ficou um frango. Deixou o galinheiro em frangalhos!

Vozes- Ora, por causa de um furtuzinho de galinhas, tira-se o sono da vizinhança e quase vem o mundo abaixo? (rompe a charanga no interior.)

Um do sereno-Ao choro, ao choro pessoal! (Sebastião sai, sempre apitando, seguido do grupo de vizinhos. O pessoal do sereno avança para a porta, onde Praxedes abre os braços para conter a invasão.)

PRAXEDES-Que negócio é este? Onde é que nós estamos? Aqui só entra sócio quites com o recibo do mês "Transáquito"!

Um PENETRA-Seu Praxedes, seje mais igual com nós, que diabo! Isso é uma "Insigênça" bêsta, chefe!

CORO-É uma violência! Quebra! Quebra logo essa bodéga!

SEGUNDO PENETRA-Um momento! É melhor empregarmos a diplomacia. Eu amoleço o homem! (a Praxedes)- Distinto confrade, apelo prá suas "cólidade" orgânica e inogárnica, prá o seu caráter firme, impoluto, quiçá "Inquebrantave". tô falando em nome da "coletividade", imnente práctico, digníssimo Praxedes!

PRAXEDES-Escusa de adorná as oito letra do meu nome com êsses floariado. Aqui penetra não forma! Só entra passando por riba do meu cadáver.

- VOZES-Não adianta, não vai por bem, então vai por mal! Mete o ombro pessoal! Entra tudo! De qualquer maneira! (Tumulto, avançam todos. Entra guarda noturno, vagaroso, displicente).
- VOZES-Chegou o guarda noturno!
- GUARDA- Onde foi o fogo?
- VOZES (simultâneas)-É yma violência! Um absurdo! O Baile é público.
- GUARDA- Mas sintetizemos : qual é objetivamente o motivo da turumbamba?
- SEBASTIÃO-Seu guarda, por favor, o negócio é o seguinte.
- VOZES (SIMULTÂNEAS)-Querem nos barrar a entrada! Ou o Senhor toma uma providência ou nós arreventamos essa bodéga!
- GUARDA-Espera aí. Não "turmutuemos". Que fale cada um de "persi" pessoalmente. Que se manifeste em primeiro lugar aqui o homem do apito.
- SEBASTIÃO- Trata-se de um caso gravíssimo, seu guarda. Roubaram os frangos do meu patrão.
- GUARDA-Roubaram as aves? Que pena!
- Sebastião- E no meio deles foram-se os dois melhores e mais raros. Que será de mim, meu Jesus? Que fará o patrão quando souber?
- GUARDA-Se eram de raça, brama...
- UM PENETRA-O baile já está fervendo lá dentro E nós vamos ficar aqui chupando no dedo?
- VOZES-Afinal o senhor toma ou não uma providência?
- GUARDA-Não se impressionem Vamos por partes. Inicialmente vou tratar do caso das galinhas Consultemos a lista dos assinantes. (de senrola uma comprida tira de papel.- A Sebastião)-Se o seu Patrão não figurar aqui na lista dos assinantes, isto é, se não tiver morrido com cinco bagarotes mensais para a corporação, adeus frangos, um feliz ano novo pro gatuno e os meus sinceros pêsames para você. Nome do seu patrão!
- SEBASTIÃO-Juca Furtado, um seu criado.
- GUARDA-Ah, ele então é como a pescada, que antes de ser já era... (correndo a lista) Furtado...Furtado...Furtado...Você está com muita sorte. Encontrei!
- SEBASTIÃO-O gatuno?
- Guarda-Não, o Furtado.
- Sebastião-Então vamos agir imediatamente!
- Guarda- Não se impressione Agora não. Terminou a hora da ronda. Neste momento volto a ser um cidadão civil, gozando de todas as prerrogativas que me garante a Constituição. O que eu quero é gozar. (CANTA:)-
- Sou professor de clarineta e de sanfona  
Durante o dia prá ganhar os meus pirões.  
Durante a noite sou o guarda aqui na zona,  
Tomando conta dos quintais e dos porões.
- CORO REPETE:**
- Sou professor de clarineta e de sanfona,  
etc....
- GUARDA:
- Vivo a rondar,  
Vivo a apitar  
Nas horas mortas  
e apalpo as portas  
Por não ter mais nada que apalpar.  
Eu não relaxo dêste posto nem a sóco  
Faça luar ou faça chuva ou vendaval  
De olhos abertos! Toda noite estou no tóco  
Até dormir, dormir em qualquer fundo de quintal.
- ( **CORO REPETE:**) Vivo a rondar, etc...

UMA MULATA-Quer dizer que pro Senhor nós tudo aqui semos lixo, não é? Tá se ninando prá nós.

GUARDA- Não se impressione (entra Zeferina bamboleando-se)-  
VOZES- Chegou a porta estandarte!

Guarda-Olha quem ela é! Sá Zeferina! Estou te gostando, mulata. Cada vez mais viçosa, mais gelatinosa, mais "inzuberante"!

ZEFERINA-Bondade sua...

GUARDA-Como é, continua namorando práfora?

ZEFERINA-Como?

GUARDA-COZINHANDO, quero dizer...

ZEFERINA-Cozinhando? Içhe! Suba! Agora estou cantando no circo.

Guarda- É natural. Voce sempre foi um picadeiro rasgado... (tomando lhe uma das mãos e fazendo-lhe dar uma volta) Maravilhosa! Olhem só esta plástica. Parece uma Venus de Milho!

SEBASTIÃO-(Ao guarda)-Milho! Não se esqueça das galinhas, seu Guarda!

GUARDA- Não atpapa. (A Zeferina, que continua mexendo as ancas) Isso, "Marvada"! Me castiga. Tu me mata com estas tuas guinadas! Me maltrata mais, me xinga! Cospe nos galão do teu guarda noturno! Quem foi que te ensinou tudo isto, peste?

ZEFERINA- Ninguém, está no sangue!

CANTA:

Sou mulata brasileira  
feiticeira  
Frutinha Nacional  
Sou perigosa e matrira (matreira)  
sou arteira  
Como um pecado mortal  
Pra provar o gostoso  
delicioso  
sabor que esta fruta tem  
todo mundo anda ansioso  
e que guloso  
Está seu Guarda também.

Quando eu danço no salão  
-que peixão-  
Diz aquele que me vê  
E eu vou girando o balão  
como um pião  
Sómente prá moê.

(CORO REPETE)

TENHO sempre uns renitente  
pela frente  
Mas em todos dou a lata  
Nesta terra, francamente,  
Minha gente,  
Não se pode ser mulata.'

(CORO REPETE)

GUARDA-(batendo palmas)-Um viva à magnificamà invicta rainha do carnaval! à nossa porta-estandarte! (Um viva muito chôcho faz-se ouvir)

ZEFERINA-Que é isso pessoal? Estou vendo vocês todos de tromba caída. Que murcheza é esta?

UM PENETRA-A burrocrazia do segundo secretário, D. Zeferina, sismou de "insig" recibo. Diz que sem recibo de quitação das mensalidades, hoje num entra nem rato!

ZEFERINA-( A praxedes)-não entra ninguém? Nem eu? Tu não vai me dizer que a Porta estandarte dêsse tróço vai sofrê esse vexame!

PRAXEDES-Não pense em semelhante coisa, Sá Zeferina! A Senhora é nosa do peito! Prá Senhora tôdas as portas estão abertas, inclusive a do meu coração. (numa curvatura)-A casa é sua...

ZEFERINA-É? Pois então fique sabendo : sò entro se o pessoal todo entrá!

GUARDA-Isso mulata, solidariedade dos princípios e firmeza dos caracteres.

CORO-Apoiado! (vaia).

PRAXEDES-Um momento! Neste caso eu faço como "pilôto", -lavo as mãos O primeiro secretário é quem vai arresolvê! (chamando prá dentro)-Seu Escaldanhas! (aparece Escaldanhas na escada.)

ESCALDANHAS-Que é que há?

Praxedes-Um enguiço. Sá Zeferina acaba de declará que não comparece ao baile se os demais "membraros" ficar de fora. E nenhum dêles tão em dia com a tesouraria...

ESCALDANHAS-Mas abrí este precedente é abalá os alicércios, a base fundamentá, a própria inconstância intrínseca do nosso clube!

GUARDA-Esse mulato tem valor mesmo! Qual Homero, quel Rui Barbosa! Tudo isto junto dêle é zero!

Zeferina- Não adianta ví com os teus canto de sereia. Vamos ver logo. Sim ou sôpas! Arresolve logo!

ESCALDANHAS-Que posso eu fazer diante do seu repto? A solução é entrar tudo mesmo! (vivas entusiásticos de todo o pessoal.)

Escaldanhas-Entram todos, mas tem um porém...aquêle que se fizé de bêsta, o guarda se compromete a pegá êle!

Guarda- Tratarei de pegá-lo.

SeBASTIÃO-Galo? E as galinhas, seu guarda?

GUARDA- Não se impressione, Vivas ou mortas elas hão de aparecer! (desembainha o chamfalho e ordena :) Em forma!

CANTA:- Forrobodó de massada  
Gostoso como êle só,  
é tão bom como a cocada  
é melhor que o pão de ló.

(CORO REPETE)

Forrobodó de massada...  
etc...

GUARDA:

Chi, a zona tá encrecada  
Meu Deus, que forrobodó!

Tem enguiço, tem feitiço,  
Na garganta dá um nó!

SEBASTIÃO-Então, seu guarda, que é isso?

CORO-

Meu Deus, que forrobodó!

SEBASTIÃO:

MAS ENTÃO ~~é~~ pelo que vejo,  
Não apanho um frango só!

GUARDA-

Eu vejo que já não vejo,  
Meu Deus, que forrobodó.

(Guarda oferecendo o braço a Zeferina)-Engata aqui! (transpõem a porta com ar solene)(Gozam Praxedes.)

Fim do Iº Ato.

II<sup>o</sup> ATO

(Salão de baile. Ao fundo, em plano elevado, a charanga, composta de bombardão, clarinete, flauta, pistão de vara, caixa e violão)-Executa-se uma quadrilha, marcada por Escandanhas e dançada por todos os presentes.)

ESCANDANHAS-Alabautú! Chá de dentro! Gran chen de paletó redondo! Anda roda! Outra vez! A Ces places! Balancete! Attention! Changer de dames! Trocar de parêias... (confusão, cada qual procura seu par.)

ZEFERINA-(ao guarda) Tira êste chanfalho que está me atrapalhando as pernas, home! (entram ~~seis~~ seis corretos pretos, de branco, calças bombacha, polainas e flor à lapela. As mulatas, inclusive Zeferina, vão juntar-se a êles, abandonando bruscamente os seus pares. A um sinal do maestro a Charanga pára de tocar.)

Guarda-(A Escandanhas)-Está tudo perdido. O Corretos abafaram a banca...

1<sup>a</sup> MULATA-(ao primeiro correto)- Tudo de branco, hein? Mósca no leite...

1<sup>o</sup> Mulato-Acabou de sair da lavanderia.

ZEFERINA (a segundo correto:)-Bonito cravo!

2<sup>o</sup> CORRETO- Permita floreá-la...

ZEFERINA-(Colocando o cravo no seio)-Vem de encontro ao meu anseio.

ESCANDANHAS-(ao guarda)-Eu vou já acabá com essa "concorrença" de leá, espera aí... (dirige-se aos pretos)-Embora contra-gôsto eu sou "folgado", cavalheiros, a vos advertí que estão "fringindo" o regulamento. O "intineraro" nas nossas soiré dançante é fraque prêto. Jamais foi permitido aqui ou tro quarqué aliforme...

4<sup>o</sup> MULATO-Bem, se é assim, só nos resta uma "artenaltiva": - cambá-fora. (faz um sinal aos companheiros)-Desenfeta o bêco, companheiros!

2<sup>a</sup> Mulata-Como é, vocês vão zarpá? Se forem, me levem de reboque!

3<sup>a</sup> Mulata-E duas!

ZEFERINA-E TRÊS!

GUARDA-(A Escandanhas)-Acho melhor revogar as disposição em contrário, senão o salão fica despido do alimento feminino, seu Escaldanhas. (Os corretos vão saindo de braços com as mulatas).

Escaldanhas-(aos pretos)- Por obsêquio, faz favô! Atendendo a inúmeros pedidos, arresorví abrí uma expiação - Fica o dito por não dito! (As mulatas aplaudem.)

FUZILEIRO-Maestro, continua! (A orquestra volta a tocar a quadrilha. Escaldanhas, Guarda, Praxedes vão ao encontro das suas damas, mas estas vão caindo nos braços dos corretos.-E a quadrilha continua, marcada agora pelo primeiro mulato.)

1<sup>o</sup> MULATO.- Caminho da roça! Quem trouxe não leva! Balancete com a vizinha da frente! Meia vorta vorvê! (as mulatas se desmancham a rir, enquanto os engeitados se ajuntam à esquerda, notadamente contrariados.)

(Bico Dôce aparecendo na porta dos fundos, depois de enfiar dois dedos na bôca e soltar um estridente assobio) Dão licença? (interrompe-se a dança. Todos se voltam para o fundo. Cessa a música. Rufos de caixa).

PRAXEDES- Eis que surge, meus senhores, um insigne "arrepresentante" da Imprencia. (Bico dôce dirige-se para o centro de cena)-Tenho a honra de vos apresentá o doutor Bico-Dôce. (A Bico Doce, indicando. Escaldanhas)-Aqui o nosso iminente secretário.)

ESCANDANHAS- Escandanhas da Purificação, com salão de barbeiro a duzentos reis barba e cabelo, à rua da Saúde. (Apricam-se ventosas.)

ZEFERINA-E poeta!

ESCANDANHAS-Nas horas vagas. ' A aparecê, : "os gemidos Surdos", volume brochado, com duzentas páginas. (Apertam-se as mãos)- (indicando Zeferina:) Aqui a nossa invicta Porta Estandarte, perdição da colônia Portuguesa domiciliada no Brasil.

ZEFERINA-(remexendo as ancas)-Talvez te escreva com tinta rôxa...

ESCANDANHAS-(baixo, a Zeferina)- Não sacode tanto a chocolateira, mulata. Seje mais discreta. Quê quê isto?

PRAXEDES-(apresentando o guarda)- O "mantenedô" da ordem. ~~XXXX~~

Bico Doce-(batendo uma continência)- Capitão!

GUARDA- Não debocha! (indicando Sebastião:) O galinheiro! (Sebastião afasta-se praguejando).

Escandanhas-Falta o nosso indigno presidente. Cadê o Presidente? (Gritando para dentro)- Seu Barradas, Seu Barradas!

BARRADAS-(entrando)-(com um guardanapo amarrado no pescoço.)-Que é lá? Que diabo está bocê a berrar prá i?

ESCANDANHAS- O Barradas!

BARRADAS-Joaquim Farias dos Magalhães Barradas, natural da Porcalhota. Grau 33 da Mercearia, com armazém de sêcos e molhados. "Ao não se fia", pro serbir. (Bico doce estende-lhe a mão) Tire prá lá o bacalhau. Estou "casmões" sujas do dito, que hoje cá o temos, e do bom.

ESCANDANHAS-O doutor Bico Doce.

BICO DOCE-Redator-contínuo do Jornal do Brasil.

BARRADAS-Ah, é jornaleiro? (a Escandanhas)- Ó sor Escandanhas. Antão? Que mais está à espera prá meter o discursio?

ESCANDANHAS-(depois de retirar da aba do fraque várias fôlhas de papel que passa a ler.)-Meus senhores, Minhas senhoras de ambos os sexos: "Revertere ad locum tum"! Faltaria ao mais salgado dos deveres, se, neste momento solênico não erguesse a minha débil voz para exaltar as colidade orgânica daquele que desapareceu! (surpresa geral)- O ~~Gr~~ GRÊMIO Recreativo Familiar dançante Flôr do Castelo do Corpo da Cidade Nova cobre-se de luto...

TODOS-Oh!

Barradas-Cobre-se de quê?

Escandanhas-Cobre-se de luto...

Barradas- Não se cobre de coisa nenhuma, sua vêsta!

Escandanhas-Cobre-se sim senhor, está aqui escrito. E ainda tenho dois olhos na cara. Está aqui escrito!

Fuzileiro-Você se estrepou, moreno. Este discurso é o que foi lido no cemitério de Marui, por ocasião do entêrro de falecido tesoureiro Zacaria, quando bateu o 31.

Barradas-Isto só pelos diabos! (-Gritando para dentro:) Ó Rosa! Ó Mulher! (aparece Rosa, limoando as mãos no avental)-

Rosa- Nhô?

Barradas-Cadê-los os papéis do discurso do recepção que estavam na gaveta do aratório?

Rosa-Oi! Vai vê que foi aquêles que os meninos andô com êles à vorta prá fazê papagaio!

BARRADAS-Papagaios?(dá socos na cabeça)- Isso só a mim acontece. Raios o partam, e mais à mãe que os pôs no mundo! (sai fuzilando).

GUARDA-Não, o velho tem razão. O caso é mesmo para dá o discurso...  
(A escandanhas)- Mas não se impressione. Eu vou salvar a situação arrecitando para esta Seletra assistencia uma poesia.  
(palmas)-

Côro-Atenção, o Guarda vai recitar!

GUARDA- Trata-se de um troço publicado no Almanaque "saúde da mulher", da lavra do grande poeta brasileiro... como é mesmo o nome dêle? Bem, isto não vem ao "causo"- (anunciando)- A Caridade e a Justiça! (Recita)

No tope do calvário erguia-se uma cruz  
E assim, em volta dela, um bando de urubús.  
A noite estava safada  
Nuvens de cambulhada  
Corriam pelo azul do firmamento  
Ao assoprar do vento  
Nisto Judas chegou,

O miserável, por trinta mil reis,  
Tinha acabado de vender Cristo.  
Ao ver aquela farra, perguntou, que é isto?  
E uma coruja

Que estava em cima do aparados  
assim lhe respondeu:

-É a tua obra, traidor!

Judas encabulou

E tirando do bolso um comprido barbante,

E vendo ali ao pé

Um pé de bananeira,

Deu-lhe logo vontade de fazer uma asneira.

E praguejou:

Ó remorso cruel, que tanto me atanzas!

Cuspiu pro lado

E ali ficou dependurado

Como se fôsse um cacho de bananas! (aplausos. Enxugando uma lágrima)-:

É mais forte do que eu. Cada vez que recito

Este negócio, dá-me um nó no gogó!

ZEFERINA-(A Escandanhas, que está pensativo, batendo-lhe no ombro:)

Em que pensas, Cardeal? Tristezas não pagam dívida...

ESCANDANHAS-Você acha pouco o vexame? Também uma coisa te garanto:

De hoje em diante não serei mais orador oficial desta meléca.

ZEFERINA-Isto é besteira. Mas escuta aqui: onde é que você anda com a cabeça? Nas nuvens. Pensando em que?

ESCANDANHAS- Pensando em tí. (canta):

Não sei porque te amei,

Siá Zeferina.

Porque foi que te encontrái.

Maldita sina!

Esta dor no coração

que sinto agora

É loucura da paixão

que me devora:

Se te encontro, ó tanajura

cu me enterneço

e da vida as amarguras

logo esqueço.  
 Mas se as vez bêbo um bocado,  
 ai, podes cré  
 É por ser tão desprezado  
 por você.

ZEFERINA-(CANTA)- Seu cantor da madrugada  
 Eu te agradeço.  
 Tanta frase apaixonada  
 Não mereço.  
 Mas não posso as aceitá,  
 Por Deus que não,  
 Pois conheço a tua má,  
 Reputação.

ESCANDANHAS:-  
 Não sei porque te amei  
 Siá Zeferina.

ZEFERINA:  
 Porque foi que te encontrei  
 Alí na esquina

ESCANDANHAS:  
 ARDE em nossos corações  
 Chama perene.

ZEFERINA:  
 Somos dois, dois lampiões  
 De querosene!

TODOS: Bravíssimo! Siá Zeferina. Foi mesmo ao pé da letra.

ZEFERINA: E vocês ainda não viram nada. Hoje estou "afrônica".

BICO DOCE: Como arranjou isto, Malmazel?

ZEFERINA: Foi ante ontem. A patrôa havia saído. Eu fui experimentar uma soirée dela, que me cabia como uma luva e me esqueci da panela no fogo e entrou o bispo no feijão. Quando a dona voltou e tomou conhecimento das ocorrências, me sapecou na rua e eu tive que enfrentá o orvalho da noite. Acabei apanhando êste resfriado na garganta, que nem um dó de meia força posso dá.

1º Mulato: Mas como é? A orquestra não dá um ai da sua graça?

PRAXEDES: (ao maestro que está dormindo:) Maestro Frasnão, acorda prá cuspir!

MAESTRO- (levantando-se)- Hein? Perdão. Pensei que a minha humilde figura tivesse sido equilipçada!

ESCANDANHAS: Modéstia Maestro! Tu é um patrimônio Nacioná e estaria Mêmo ao lado dos maió gênio da Orópa se não fôsse anarfa beto!

MAESTRO- Obrigado. Eu peço permissão ao nobre colega prá transmití esses elogios aqui a todos os professô da orquestra. (os músicos põe-se de pé sob aplausos.)

Canta:  
 Entra firme, Seu manduca,  
 agora avança os metá!  
 Sustenta a nota seu Juca  
 Fum-fum-fum-fum fungagá!

Enquanto o bronze demora  
 Tapiando o violão,  
 A clarineta vai embora  
 Vorta depois com o pistão.

Ao som da varsa chorosa  
na maior animação  
todos dança, todos goza-  
Só quem não dança é o Frazão....

Escandanhas:-(batendo palmas)-Senhores consócios e Senhoras Consóci-  
as! Atenção! Chegou o momento de se retemperá os orga-  
nismo. Saco vazio não fica em pé, já dizia o grande fi-  
lósofo lusitano Jacques Pires.

GUARDA-Esse moleque é mémo das Arábia! Não perde ocasião de mostrá  
a sua "cultura".

ESCANDANHAS:-Antes porém de tomarmos assento na mesa do "fuáiê", ar  
recomendo aos ilustre conviva que se sirvam das come-  
doria com indiscreção e evitem, se possível, carregá os  
"taiê" no "bôrso". Cavalheiros, levá damas ao bufête!

#### MARÇA FINAL

Vamos ao vinho  
à bagaceira  
e às empadinhas  
de Camarão!  
Vamos às papas  
ao porco assado,  
e à feijoada  
de estimação!

Tudo é de graça  
Não custa nada!  
Só a rabada  
São dez tostão!

#### CORO :

Tudo é de graça  
Não custa nada!  
Vamos ao grude  
Segur o cordão!

(SAEM TODOS PELA ESQUERDA DE BRAÇO DADO EM PASSO DE MARCHA CONVIDA-  
DOS PELO GUARDA DE ~~KXX~~ CHAMPALHO EM RISTE)

FIM DO IIº ATO;

IIIº ATO

(mesmo cenário do segundo ato) (Vozes no interior.)

UMA VOZ-Hip, Hip, hurra! (Palmas. Entra Rita pensativa, medindo os passos. A seguir o Maestro.)

MAESTRO-(num salto)- Rita!

Rita-(assustada)-Vôte! O Senhor parece assombração! Me pega cada susto!

Maestro-Ritinha, a minha "arma" de artista, neste momento vibra...

RITA-Vibra é fiôte de cobra, não é?

MAESTRO-(continuando)-Vibra como uma corda de violino tangida pelos dedos de Cupido...

Rita-Fala logo o que tem de falar, Maestro.

MAESTRO-Tem razão, serei menos ~~XXXXXXXXXX~~ "prolixo". Em suma: eu ando roxo por você!

RITA-Por mim? (torcendo o vestido.) Eu não sou "merencendente".

Maestro-Sim, amo-a, e "amará-la-ei internamente".

RITA-Posso entretanto sabê quais é a suas intenção?

MAESTRO-Casar. alí na exáta!

Rita-Entao o Cazuza vai ficar sem a sua ama-sêca. Porque, prá que negar? - Eu sou sêca, mas é por você! (Cantam).

MAESTRO:

Sinhá Rita, que tortuta;  
Eu não posso mais regê.  
A Batuta nesta altura  
NÃO me qué obedecê!

Ai criadinha,  
Tão bonitinha,  
Ai que derrigo!  
Ai que feitiço!

RITA:

Eu também ando encrencada,  
Cada vez tô mais confusa.  
Ficou entupigaitada:  
A chupeta do Cazuza.

Meu maestrinho,  
Tão meudinho  
Meu bom-bocado  
Tão desejado!

MAESTRO:

Quando fôrmos casadinhos  
Eu sempre agarrado a tí  
Vou te dar muitos beijinhos  
Dó, ré, mí fá, sol, lá, si...

RITA:

Na noite do casamento  
Vai hever forrobodó  
Com a batuta em movimento  
Sí, lá, sol, fá, mí, ré, dó...  
(Vozes que se aproximam).

MAESTRO-(agarrando-a)-Me oscúla-me, querida! Chapa a minha boca com o carinho dos teus lábios!(As vozes cada vez mais se aproximam.)

RITA-Me larga que vem gente!(Os dois se separam.Maestro corre p/ o estrado da orquestra.Rita sai pela esquerda esbarrando no guarda,que entra,acompanhado de Sebastião.)

GUARDA-)palitando os dentes)-Aquê! peixe coberto com ovos não era peixe,era bacalhau.

Sebastião-Ovos? E os frangos,meu Deus?

GUARDA-Não se impressione. Dou-lhe minha palavra de honra que vivos ou mortos os seus frangos hão de aparecer.(Entram de braço dado Escandanhas e Zeferina,Barradas,Rosa,agora enfiada numa toilette de baile,com plumas à cabeça e luvas com pridas,mulatas e mulatos.-Tôdos eufóricos.)

BARRADAS-Ah rapazes.estou abarrotado! Pruponho um biba cá à mulher que se arrebelou uma cozinheira de mão cheia,raios a partam!

TODOS:Viva a D.Rosa,Vivôoo!

BARRADAS-Dando-lhe um pescoço carinhoso:)"Agradece,estapôre!

ROSA-Brigada. (Forte discursão fora)

UMA VOZ-Não pode,já disse,seu carona indesejável!

Outra voz-Repete,repete que te faço enguli já essa dentadura!(Voltam-se todos para o fundo.Aparece Lulú). E quem tiver a coragem de me chamar de feio,que apareça!

ZEFERINA-It! O Lulú! O Pinta brava! Acabou-se o baile!

LULÚ,ageitando o cinto,e com passos de capoeira)-E tem mais uma coisa,não vim só,vim de Francesa. E vocês tem que respeitá o meu chavéco.(para fora) Entra,madama!

FRANCESA-Bonjour,messieurs-dames!

Lulu-(canta)-

Não vejo cara em vocês,  
 Não me destorce quem quer.  
 Sou chapa 46-  
 Bonde Lapa-carceler.  
 Já fui cabo eleitoral  
 De um partido não sei donde,  
 já fui bandeira de bonde,  
 E graxeiro da central.

Três meses,fiscal de lixo  
 Num cafundó suburbano,  
 Cinco meses banquei bicho  
 Sou vagabundo há dez ano!

ESCANDANHAS-(A Lulú)-Falando é que a gente se entende...(dirigin-do-se à Francesa)-Madame,como é mesmo a sua graça?

LULU-Madame Petit Pois,com escola de corte e professôra de linguas.

ESCANDANHAS-Parfaitement.Madama,em nome da Diretoria eu...Quem é que manja aí a Lingua de Molière?

GUARDA=Lingua de Mulher é comigo! (à Francesa)-Madama,voulez-vous de quelques choses de merci beaucoup?

MADAME-(rindo-se)-Je ne comprends rien de tout monsieur.

GUARDA-Ela está dizendo que desculpe ela estar se rindo de tudo. Mas é natural. Ela é mesmo da vida alegre...(à parte) Rira bien que rirá com o derrière...Eu conheço esta zinba de outras casas...

BARRADAS-Bem,já q'a madama entrou deixa ficar. Tome assento onde quiser E comece o baile.(Francesa senta-se a um canto da sala,acompanhada de Escandanhas)-

LULU-Espera aí.E não tem umas cachaça pra gente refrescá os corações?

BARRADAS-Pelo amor de Deus!(Gritando para dentro)- Ó Rosa!

ROSA-(Que havia saído a correr pela porta da esquerda, metendo a cabeça prá fora daquela porta)- Nhô!

BARRADAS-Uma lambada d'aquela que eu uso, aqui pro nosso convidado. (A Lulu-) Entre meu amigo, a casa é sua)- (Lulu sai pela E. Escandanhas vai ao encontro da Francesa).

ZEFERINA-(Ao guarda)-Aquilo é cafifa até o Chico vir de baixo.

GUARDA-Istp hoje é uma profissão como outra qualquer. Tá muito generalizada. Só eu posso dizer de bôca cheia: Nunca levei tostão de mulher. Mas nunca é tarde prá começar...(dirige-se para junto da Francesa)

GUARDA-Posso meter uma palavrinha, madama?

ESCANDANHAS-(afastando-o)-Tem gente!

ZEFERINA-(Que se colocou por tras de Escandanhas sem por êste ser percebida)-Tem gente, não é vagabundo? Tu me arrespeita, viu? Olha que eu sou muito home prá arrancá os chichís dessa polaca!

ESCANDANHAS-Não faz sujeira, Siá Zeferina! O que é teu tá guardado aqui dentro do meu peito.

ZEFERINA-(Empurrando-o)-Sai daí prá fora antes que eu te meta a mão na cara! Vagabundo!(Escandanhas afasta-se gingando).

FUZILEIRO-(palmas)-Vai-se dançar um maxixe!

GUARDA-(à Francesa, oferecendo-lhe o braço)-Tem par para esta, excelença?

FRANCESA-Avec plaisir, Monsieur...

DUETO:

GUARDA-

Madama, tú qué me dá  
Uma aulas de franciú?

FRANCESA:

Oui, je te donçrai,  
Marquez-moi um rendez-vous.

GUARDA-

Lá nas Marreca não vou  
E se fôr é de relance.

FRANCESA:

Aprés le forrobodó  
Maintenant je veux la danse  
Viens comigue maxixê...

GUARDA-

É só querê...

FRANCESA:

J'aime ça, mon petit cochon

GUARDA-

Colchão tá bom...  
Dormir, sonhar...que prazê!  
Tu qué, meu bem, me embalá?

FRANCESA:

Tu peux faire ce que tu quiser  
Mais ne me chatouille pas...

GUARDA-

Lá nas Marrecas não vou  
E se fô é de relance...

FRANCESA=

Aprés le forrobodó  
Maintenant je veux la danse.  
Viens comigue maxixê.

GUARDA-

É só querê!

FRANCESA:

J'aime ça, mom petit ~~XXXXXXXX~~ cochon

GUARDA:

Colchão, tá bom...

Dormir, sonhar, que prazer!

Vem, meu amor, me embalá.

FRANCESA-

Tu peut faire ce que tu quiser,

Mais ne me chatouille pas!

(DANÇAM TODOS O MAXIXE. DURANTE A DANÇA, POR VÁRIAS VEZES, GUARDA MERGULHA A CABEÇA NO COLO DO DA FRANCESA E ESTA VOLTA O ROSTO, REPUGNADA COM O CHEIRO DA BANHA QUE ELE USA... O GUARDA PERCEBE O JOGO, VISIVELMENTE CONTRARIADO. LULU ENTRA PELA E. ATRACADO COM UMA COSTELETA DE PORCO? SEGUIDO DE ROSA).

LULU- Onde é que anda êste português?

ROSA- Moço, me dá o "dispertadô" que o senhô infiou no "bolsô."

LULU- É mesmo! Que distração a minha! (Entrega o deepertados a Rosa que sai resmungando) Sem Barradas!

BARRADAS- Que mais quer bocê, rapaz?

LULU- (falando grudado ao rosto de Barradas) Trata-se do seguinte:

BARRADAS- Bira prá lá a fucinheira. Estás com um bafô d'água-ardente que inté me causa "Nózes"!

LULU- O negócio é simplíssimo. Eu estive pensando... Me passa aí vinte e te cêdo a francêsa por essa noite. É ou não é negócio?

BARRADAS- Não! (catando uma nota entre várias que retira do bolso) Levas os vinte, levas a Francêsa e promete esquecer o número da minha porta, combinado?

LULU- Está certo. (recebe o dinheiro e dirige-se à Francêsa, que, nesta altura tem à volta de sí o maestro, o fuzileiro, Praxedes e o guarda.)

FRANCESA- (soltando gostosas gargalhadas)- Oh, qu'ils sont bêtes ces tipos lá! (Com a aproximação de Lulu todos se afastam. Lulu senta-se, sentando a francesa sobre os joelhos).

GUARDA- (Indicando os dois ao fuzileiro)- Não, o ambiente está se tornando nitidamente familiar...

FUZILEIRO- Essa Madama é "escandilosa". Eu até vou promovê um desafio, prá desviá as atenção pr'aquêle quadro assás chocante... (bate palmas) Chegou o momento do puxa-fricira! Vamos ao desafio!

TODOS- Ao desafio!

FUZILEIRO:

Quem possa puxar fricira  
Muito melhor do que eu?  
Procurem na terra inteira,  
Que o cabra inda não nasceu!

CORO:

Ora bate mulambo,  
Bate coió!  
Faz o corpo bambo  
De uma banda só!

ZEFERINA:

Seu doutor, nesta sabença,  
Quem quiser me competir,  
Peça um ano de licença  
Prá poder arresistir!

CORO:

ORA bate mulambo, etc...

GUARDA-

Eu não sou muito letrado,  
Mas faço sempre uma aposta:  
Num desafio rasgado  
Comigo ninguém encosta!

CORO:

ORA bate mulambo, etc...

ESCANDANHAS-

Eu garanto tôdo ancho  
Que na hora das comida,  
Todo inteiro me desmancho  
Como banha derretida!

CORO:

Ora bate mulambo etc...

BARRADAS: (consultando o relógio)- Bem rapazes, são onze horas aqui na minha cebola. Eu não sou sócio da light. Vou apagar o gás e recolham-se bossemecês a penates...

SEBASTIÃO: Penates? E as penosas, e as penosas?

FUZILEIRO- Senhores "membranos" e senhoras "membranas". Vamos dar "iniço" ao leilão de prendas!

ESCANDANHAS- Bem lembrado! A aurora já bruxoleia. Os passarinhos tão acordando prá fazer piu-piu!

GUARDA- Bonita image!

TODOS- Ao leilão!

ZEFERINA- Quem é o leiloeiro?

PRAXEDES= (Entrando com vários embrulhinhos e uma travessa coberta com uma toalha) Cá estou eu! (palmas. Coloca os objetos sôbre o banco, e, trepando numa cadeira, exibindo uma manteigueira começa a leiloar,) Temos aqui, meus senhores uma vítrea e cristalina manteigueira. Com uma pequena rachadura que não lhe tira, entretando, o valor artístico. Quanto me dão pela manteigueira?

MAESTRO- Dois tostões!

PRAXEDES- Tenho dois tostões pela manteigueira. Dois, dois tostões, dois! Ninguém dá mais? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três! (Entregando a manteigueira ao maestro) É sua! (exibindo um pequeno frasco) Temos agora, meus senhores, um vidro de delicada e perfumosa água Flórida! É um produto indicado prá cortar o cheiro de barata que predomina em excesso em certos ambientes fechados. Quanto me dão pelo vidro de água Flórida, meus senhores? Quanto me dão?

LULU- Quinhentos réis para o meu pedaço!

PRAXEDES- Quinhentos réis, quinhentos réis, quinhentos...

GUARDA- Seiscentos, prá Siá Zeferina!

PRAXEDES- Seiscentos réis, seiscentos réis...

LULU- Setecentos, e o cheiro é prá Francesa...

PRAXEDES- Setecentos, setecentos, setecentos réis...

GUARDA- Oitocentos, e a Francesa não leva. Quem vai levar é siá Zeferina!

PRAXEDES= Oitocentos, oitocentos, tenho oitocentos pela água Flórida.

LULU- Ah, é assim? Pois então, noventa e nove réis. E quero ver quem dá mais uma palavra aqui!

GUARDA- (estende o indicador da mão direita e juntando o polegar e o indicador da esquerda, em forma de zero.)

PRAXEDES- Desconhço êste lance...

GUARDA= (baixo)- Dez... E siá Zeferina vai se perfumar. E quem não concordar com isso, prepare-se prá sentir o cheiro da banha que uso. (ameaça uma cabeçada)

LULU-(dando um pulo para o centro) Épa, Então vamos a isso! Quem não quise entrar no brinquedo, desafaste, porque vai correr muito melado! (recuam todos)-(Maestro cai numa cadeira com gritos histéricos. Rita corre a abandoná-lo.)

1º Mulato: Calma seu LULU. (Tenta detê-los, mas recebe um rabo de arrais e cai pelo chão. Fuzileiro, 2º, 3º e 4º mulato agarram-se a Lulu.)

2º Mulato-Solta a faca!

FUZILEIRO-Deixa de besteira!

3º Mulato-Não vale a Pena (Frases ditas simultaneamente) (o guarda vai-se esconder de cócoras detrás de um banco.)

LULU-Me larga! (livre, apanha uma cadeira a joga-a ao chão)

BARRADAS-Quase chorando)-O meu amigo, "sulpicu-lo pela saúdezinha da senhora sua mãe. Rache lá a cabeça de quem lh'apetece, mas poupe-me os móveis. (LULU arrebatou o vidro que Praxedes tem às mãos.)

LULU-Me dá esta porcaria, E tem mais uma, não pago, estás ouvindo?

BARRADAS-Pois está visto, o sr. não paga nada!

LULU-(à Francesa) Anda daí!

Francesa-Comment?

LULU=(dando-lhe um empurrão) Cae fora, anda. (saem)

GUARDA-(saindo do esconderijo)-(procura pelo chão)=Quantos são os feridos? (gargalhada geral)

ZEFERINA-Lamento (ao guarda) ter sido a causadora deste lamentável acidente mas dou-lhe meus parabéns pela sua "altitude". Você é machão mesmo!

GUARDA-(pernóstico)-Você ainda não viu nada!...

PRAXEDES-Depois desta pequena pausa para meditação, vai prosseguir o leilão! Temos agora, Senhoras e Senhores-um precioso donativo do nosso querido Guarda Noturno! Trata-se de... Retira a toalha e aparecem dois frangos assados) Dois frangos assados (guarda põe-se a rir perdidamente)

SEBASTIÃO-Os meus frangos!

GUARDA-Eu não lhe disse? A justiça tarda mas não falha. Vivos ou mortos eles haviam de aparecê.

SEBASTIÃO-Ladrão! (sai faiscando pelos fundos)

GUARDA=(rindo-se)-Perdão, não foi um roubo, foi uma requisição!

BARRADAS-Está suspenso o Leilão! (consulta o relógio)-Na minha cebo-la são onze horas e aqui não há sócios da Light. Bou apagar o gás. Tratem de me ebacuar a sédea.

ESCANDANHAS-Ordens são ordens! Mas ainda temos direito a um maxixe final.

TODOS-AO MAXIXE.

ESCANDANHAS- (canta)- Pessoal está na hora/da festança terminar/mas antes d'irmos embora/toca tudo a maxixar/

CORO-(CANTA)-ai, ai, que forrobodó/bom como êle só/deixem lá falar/Ai ai, não afrouxa o passo/ai, ai, não sai do compasso/prá não errar/

ZEFERINA-(Canta)-O maxixe bem remexido e requebrado/é a alegria das pernas/Deixa tudo quanto é cara esbodegado/no salão da gente chic ou nas tavernas/

CORO-(CANTA)-Ai, ai, meu forrobodó/é o meu chodó/prá que negá/ Ai, não abaixe o pano/aguenta, mano/ até cansar/

- TODOS DANÇAM-

-FIM DA PEÇA-



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: FORROBODÓ

b) Título original: \_\_\_\_\_

c) Autor: Luiz Peixoto e Carlos Bittencourt

d) Tradutor: \_\_\_\_\_

e) Diretor: \_\_\_\_\_

f) Produtor: \_\_\_\_\_

g) Companhia: \_\_\_\_\_

h) Classificação da Censura: 18 anos.

II) Análise

a) Gênero: \_\_\_\_\_

b) Argumento: A presente peça já foi liberada por este SCDP, no dia 10 (Dez) de dezembro de 1968 com a impropriedade máxima (18 anos). Após o confronto com o processo antigo, nº 866, foi constatado não haver o presente requerente, acrescentado inovações ao texto. Por este motivo, opino seja a mesma liberada com a mesma impropriedade, desde que obedecido o mesmo critério.

*CMS*  
CMS

c) 1 - Mensagem: \_\_\_\_\_

2 - Impressão final: \_\_\_\_\_

d) Diálogos: \_\_\_\_\_

e) Cenas: \_\_\_\_\_

f) Personagens: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

g) Valor educativo: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

III) Conclusão \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Brasília, 11 de março de 1971

*CA*  
CARLOS ALBERTO MILHOMEM DE SOUSA  
Técnico de Censura - Cart. nº \_\_\_\_\_

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura CARLOS ALBERTO MILHOMEM, que a examinou.

Título: F O R R O B O D O

Autor : Luiz Peixoto e Carlos Bittencourt

Restr.: 18 (DEZOITO) ANOS

Obs: Peça liberada anteriormente c/a mesma restrição.

Em 12 de março de 1971

*Flavinho*  
ANTÔNIO DE PÁDUA CARVALHO ALVES  
T.C.T.C.

*Liberar-se.  
Em: 16/3/71  
Wipellu mi*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado N° 3521/71

PEÇA ==== **FORROBODÓ** ====

ORIGINAL DE LUIZ PEIXOTO E CARLOS BITTENCOURT

APROVADO PELO S. C. D. P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 22 de MARÇO de 19 76

Brasília, 22 de MARÇO de 19 71

**PROIBIDO  
PARA MENORES DE  
18 ANOS**

\_\_\_\_\_  
Chefe do S. C. D. P.

*Genalemo*  
**GBOVÁ LEMOS CAVALCANTE**

M. J. - D. P. F.

# CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 11, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " FORROBODO "

Original de LUIZ PEIXOTO E CARLOS BITENCOURT

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de \_\_\_\_\_

Tendo sido censurada em 11 de MARÇO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS.

**- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -**

**O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 22 de MARÇO de 19 71

*Wilson de Queiroz Garcia*  
**WILSON DE QUEIROZ GARCIA**  
**- chefe da seção de censura**

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX  
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

132/71

22-3-71

Chefe do SCDP.

Sr. Chefe da TCDP-DR/MINAS GERAIS

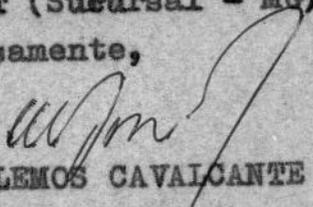
Providências (solicita).

Senhor Chefe,

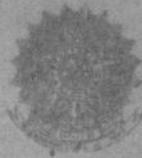
Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça abaixo, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça - FORROBODÔ  
Autor - L.Peixoto e C.Bittencourt  
Intrs. - SBAT (Surursal - MG)

Atenciosamente,

  
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE  
Chefe do SCDP.

D.F.S.P.	
059195	22 NOV 68



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL - GB

TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

IR - GB

Of. nº 440/68

Em 20 de NOVEMBRO de 1968

Do Chefe da Turma de Censura de Diversões Públicas  
Ao Sr. Chefe de Serviço de Censura de Diversões Públicas-DPP-  
Assunto: sobre peça teatral

Senhor Chefe,

Cumprindo determinações desse SCDP, encaminho a V. Sa. os textos acompanhados das autorizações da SBAT, referentes as peças "FORROBODO", de Luiz Peixoto e Carlos Bittencourt e "DEUS E O SERTÃO", de autoria de José Mauro de Vargas, a fim de serem examinadas por esse Serviço.

Na oportunidade renovo a V. Sa. os protestos / de estima e consideração.

MARINA DE MELLO FERREIRA  
Chefe da TCDP-DR/GB.

BRA

RECEBIDA

ASS

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

ILMO. SR. DELEGADO REGIONAL - GB.  
DA SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL DO D.P.F.

NESTA

NAIR TEIXEIRA DE SOUZA-DIVERSÕES, EMPRESÁRIA DE ESPÉCULOS TEATRAIS, DEVIDAMENTE REGISTRADA NA JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DA GUANABARA, SOB O Nº 6781, EM 27/9/1968, JUNTANDO A ESTE, TRÊS (3) VIAS, DA PEÇA: "FORROBODÓ", BURLETA EM 3 ATOS, DE LUIZ PEIXOTO E CARLOS BITTENCOURT, COM MUSICA DE CHIQUINHA GONZAGA, VEM POR MEIO DESTA, REQUERER A V. S. SE DIGNE DE MANDAR CENSURÁ-LA, DE ACÓRDO COM A LEI VIGENTE.

A REFERIDA PEÇA, SERÁ LEVADA A CENA, NO TEATRO JOÃO CAETANO, A PARTIR DO DIA 5 Á 31 DE DEZEMBRO DO ANO EM CURSO.

NESTES TERMOS.

PEDE DEFERIMENTO.

RIO DE JANEIRO, GB. 12 DE NOVEMBRO DE 1968.

*Nair Teixeira de Souza - Diversões*

D.P.F.-DELEGACIA REGIONAL-GB	
CENSURA FEDERAL	
PROTOCOLO Nº	10596
DATA	31 / 11 / 1968
<i>[Assinatura]</i>	



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

*Encaminha-se para SBAT em 19.11.68  
Início de trabalho*

Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1968

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S., para fins de CENSURA, duas cópias da peça:

FORROBODÓ -

próxima apresentação da Companhia ANA VITORIA JACKSON DE SOUZA no Teatro JOÃO CAETANO

com estreia marcada para o dia 6 de Dezembro de 1968

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior consideração,

D.P.F.-DELEGACIA REGIONAL-GB
CENSURA FEDERAL
PROTOCOLO N.º <u>10596</u>
DATA <u>31 11 1968</u>
<i>[Signature]</i>
ASSINATURAS

*[Signature]*  
 Djalma Bittencourt  
 Superintendente

2ª VÍ

**" F O R R O B O D O "**

**BURLETA DE COSTUMES CARIOCAS, EM 3 ÁTOS**

**MUSICA DE : CHIQUINHA GONZAGA**

**LETRA E TEXTO DE: LUIZ PEIXOTO E CARLOS BITTENCOURT**

**( REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO TEATRO S. JOSÉ  
DO RIO DE JANEIRO, EM 11 DE JUNHO DE 1912 )**

**1968**

COLETÂNEA TEATRAL

CADERNO N. 73

LUIZ PEIXOTO e CARLOS BETTENCOURT

# FORROBODÓ

Burleta de costumes cariocas em 3 atos, música de  
FRANCISCA GONZAGA

(Representada pela primeira vez no teatro São José, do Rio  
de Janeiro, em 11 de junho de 1912)

Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

1961

# A História de "Forrobodó"

Foi no ano de 1911.

Numa pensão da rua do Catete, onde residia Luiz Peixoto, vamos encontrar êste e Carlos Bettencourt dispostos a escrever uma peça. Compram dois maços de cigarros, e às oito horas da noite, põem mãos à obra. O trabalho vai pela noite a dentro. Os cigarros acabam. Voltam a ser fumadas as pontas anteriormente desprezadas. As seis horas da manhã, quando o sol se levanta, o pano cai no final da peça. Estava escrita a burleta "Forrobodó".

Mas tudo isso era apenas o começo de uma penosa jornada. Nenhuma emprêsa queria montar a obra dos dois novatos. Uma a uma fecharam-se as caras, e as portas também, diante dos dois autores. Mas êles insistem. Ambos fazem malabarismos incríveis para demonstrar o mérito da peça.

Por fim, o popular empresário Paschoal Segreto, vencido pela infatigável insistência dos dois rapazes, chama Alvarenga Fonseca, que então dirigia o teatro São José, e ordena-lhe: "Vamos acabar de uma vez por tôdas com isto. Monte essa peça de qualquer maneira."

A peça ia ser representada apenas por isso: para que Paschoal Segreto se visse livre daquêles importunos. Montagem ... Qual nada!... Não valia a pena perder tempo com aquilo... Havia muita fantasia velha no depósito. E ordenou-se a busca. Mesmo assim se tornou imprescindível comprar uma farda de guarda noturno para o Alfredo Silva. Quanto custava isso ... Oitenta mil réis. E depois de alguma hesitação sempre se resolveu a Emprêsa a gastar com a montagem de "Forrobodó" oitenta mil réis.

E "Forrobodó", com música de Francisca Gonzaga, a inolvidável protetora de todos os autores novos que revelassem qualidades, sobe à cena pela primeira vez para iniciar uma série de 1.500 representações consecutivas!...



## Personagens e Seus Criadores

GUARDA NOTURNO .....	Alfredo Silva
ESCADANHAS .....	Asdrubal Miranda
SEBASTIÃO .....	Pedrozo
PRAXEDES .....	Magalhães
BARRADAS .....	Machado
LULÚ .....	Mattos
MAESTRO .....	Franklin de Almeida
BICO DOCE .....	N.N.
PENETRA .....	N.N.
FUZILEIRO .....	N.N.
ZEFERINA .....	Cecília Pôrto
RITA .....	Pepa Delgado
SIA ROSA .....	N.N.
MADAME PETIT-POIS .....	Cinira Polônio
1.º MULATO .....	N.N.
2.º MULATO .....	N.N.
3.º MULATO .....	N.N.

Populares, músicos, etc., etc.

**Ação:** Num subúrbio do Rio de Janeiro.

Tôda e qualquer representação desta peça, seja por que processo fôr, depende de autorização prévia da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

# FORROBODÓ

Burleta de costumes cariocas em 3 atos, de LUIZ PEIXOTO e  
CARLOS BETTENCOURT, música de FRANCISCA GONZAGA

## 1.º ATO

(Trecho de rua suburbana. Ao fundo fachada de casa assobradada, com sacada e portas praticáveis no andar térreo e no 1.º andar. Mastro com a bandeira e o escudo do clube. — Época 1910).

(Há um intenso movimento no interior. A porta de entrada, Praxedes, com a braçadeira da agremiação, recebe os associados. — Na rua, curiosos e associados. Ouvem-se apitos insistentes, fóra. Entram vários homens e mulheres em trajés de dormir.)

CÓRO GERAL —

Que será? Que haverá? Sarrabulho?  
Porque está todo o povo alarmado?  
Que barulho! Que barulho!  
Não se pode dormir sossegado!

CÓRO DE MULHERES —

Que foi isso? Que foi isso?  
Porque tanto reboliço?

(Entra Sebastião apitando desesperadamente).

SEBASTIÃO —

De polícia não há furo.  
De apitar cansado estou!  
O ladrão saltou o muro,  
Bateu asas e avuou!

UM DO POVO — Mas afinal o que é que está havendo no bêco?

SEBASTIÃO (chorando) — Um ladrão limpou o galinheiro do patrão! Não ficou um frango. Deixou o poleiro em frangalhos!

VOZES — Ora! Pôr causa de um furto-zinho de galinhas, tira-se o sono da vizinhança e quase vem o mundo abaixo?! (Rompe a charanga no interior.)

UM DO SERENO — Ao chôro! Ao chorongio, pessoal! (Sebastião sai, sempre apitando, seguido do grupo dos vizinhos. O pessoal

do sereno avança para a porta, onde Praxedes abre os braços para conter a invasão.)

PRAXEDES — Que negócio é êsse? Onde é que nós estamos? Aqui só entra sócio quites com recibo do mês **transáquito!**

UM PENETRA — Seu Praxedes, seja mais igual com nós, que diabo! Isso é uma **insigência bêsta, chefe!**

CÓRO — É uma violência! Quebra! Quebra logo essa bodéga!

SEGUNDO PENETRA — Um momento! É melhor empregarmos a diplomacia. Eu amo-leço o homem (A Praxedes) Distincto confrade, apelo pras suas **colidade** orgânica e inorgânica, para o seu caráter firme, impoluto, quicá **inquebrantave**. Tô falando em nome da coletividade, iminente prático, **digníssimo** Praxedes!

PRAXEDES — Escusa de **adorná** as oito letra do meu nome com êsses **floriado**. Aqui, penetra não forma! Só entra passando por riba do meu cadáver!

VOZES — Não adianta! Não vai por bem, então vai por mal! Mete o ombro pessoal! Entra tudo! De qualquer maneira! (Tumulto. Avancam todos. Entra guarda noturno, vago-roso, displicente.)

VOZES — Chegou o guarda noturno!

GUARDA — Onde foi o fogo?

VOZES — (Simultâneas) É uma violência! Um absurdo! O baile é público!

GUARDA — Mas sintetizemos: qual é objetivamente, o motivo do turumbamba?

SEBASTIÃO — Seu guarda, por favor. O caso é o seguinte.

VOZES (Simultâneas) — Querem nos barrar a entrada! Ou o senhor toma uma providência ou nós arreentamos essa bodéga!

GUARDA — Espera aí. Não **tumurtuemos**. Que fale cada um de persi pessoalmente. Que

se manifeste em primeiro lugar aqui o homem do apito.

SEBASTIÃO — Trata-se de um caso gravíssimo, seu guarda. Roubaram os frangos do meu patrão.

GUARDA — Roubaram as aves? Que pena!

SEBASTIÃO — E no meio dêles, foram-se os dois melhores e mais raros. Que será de mim, meu Jesus? Que fará o patrão quando souber!

GUARDA — Se eram de raça, brama...

UM PENETRA — O baile já está fervendo lá dentro. E nós vamos ficar aqui, chupando no dedo?

VOZES — Afinal o senhor toma ou não toma uma providência?

GUARDA — Não se impressionem. Vamos por partes. Inicialmente vou tratar do caso das galinhas. Consultemos a lista dos assinantes. **(Desenrola uma comprida tira de papel. A Sebastião)** Se o seu patrão não figurar aqui na lista dos assinantes, isto é, se não tiver morrido com os cinco bagarotes mensais para a corporação, adeus frangos, um feliz ano novo pro gatuno e os meus sinceros pêsames pra você. Nome do seu patrão.

SEBASTIÃO — Juca Furtado, um seu criado.

GUAR — Ah! Ele então é como a pescada que antes de ser já era... **(Correndo a lista)** Furtado... Furtado... Furtado... Você está com muita sorte! Encontrei.

SEBASTIÃO — O gatuno?

GUARDA — Não, o Furtado.

SEBASTIÃO — Então vamos agir imediatamente.

GUARDA — Não se impressione. Agora, não. Terminou a hora da ronda. Neste momento volto a ser um cidadão civil, gozando de tôdas as prerrogativas que me garante a Constituição. O que eu quero é gozar!

**(Canta)**

Sou professor de clarineta e de sanfona,  
Durante o dia pra ganhar para os pirões.  
Durante a noite sou o guarda aqui da zona,  
Tomando conta dos quintais e dos porões.

**CÓRO (Repete)**

Sou professor de clarineta e de sanfona,  
Etc, etc.

GUARDA —

Vivo a rondar,  
vivo a apitar  
nas horas mortas  
e apalpo as portas  
por não ter mais nada que apalpar.

Eu não relaxo dêste pôsto nem a sóco,  
faça luar, ou faça chuva ou vendaval  
de olhos abertos! tôda a noite estou no tóco  
Até dormir, dormir em qualquer fundo de  
quintal. **(Côro repete)**

Vivo a rondar,  
vivo a apalpar, etc...

UMA MULATA — Quer dizer que pro senhor, nós tudo aqui semos lixo, não é? Tá se ninando pra nós.

GUARDA — Não se impressione. **(Entra Zeferina, bamboleando-se).**

VOZES — Chegou a porta-estandarte!

GUARDA — Olha quem ela é! Sá Zeferina! Estou te gostando, mulata! Cada vez mais viçosa, mais gelatinosa, mais inzuberante!

ZEFERINA — Bondade sua...

GUARDA — Como é? Continua namorando pra fóra?

ZEFERINA — Como?

GUARDA — Cozinhando, quero eu dizer...

ZEFERINA — Cozinhando? Iche! Suba! Agora estou cantando no circo.

GUARDA — É natural. Você sempre foi do picadeiro rasgado... **(Tomando-lhe uma das mãos e fazendo-lhe dar uma volta)** Maravilhosa! Olhem só esta plástica! Parece uma Vênus de Milho!

SEBASTIÃO **(Ao Guarda)** — Milho! Não se esqueça das galinhas, seu Guarda!

GUARDA — Não atrapalha. **(A Zeferina, que continua mexendo as ancas)** Isso, maravilha! Me castiga! Tu me matas com essas tuas guinadas! Me maltrata mais, me xinga! Cóspe nos galão do teu Guarda Noturno! Quem foi que te ensinou tudo isso, peste?

ZEFERINA — Ninguém. Está no sangue. **(Canta).**

Sou mulata brasileira  
Sou dengosa feiticeira  
A flôr do maracujá  
Minha mãe foi trepadeira  
Vivo igualmente a trepar  
Vivo igualmente a trepar

Pança com pança  
Bate com geito  
Entra na dança  
Quebra direito  
Quebra direito

Este maxixe  
Quasi me mata  
Não se enrabiche  
Pela Mulata  
Pela Mulata.

Tenho sempre uns renitente  
pela frente  
Mas em todos dou a lata.  
Nesta terra, francamente,  
minha gente,  
não se póde ser mulata! (Côro repete)

GUARDA (Batendo palmas) — Um viva à magnífica, à invicta rainha do Carnaval! A nossa porta estandarte! (Um viva muito chôcho faz-se ouvir.)

ZEFERINA — Que é isso, pessoal? Estou vendo vocês todos de tromba caída. Que murcheza é esta?

UM PENETRA — A burrocrazia do segundo secretário, D. Zeferina, cismou de inzigir recibo. Diz que sem recibo de quitação das mensalidade, hoje não entra nem rato!

ZEFERINA (A Praxedes) — Não entra ninguém? Nem eu? Tu não vai me dizê que a porta-estandarte dêste troço vai sofrê êsse vexame!

PRAXEDES — Não pense em semelhantes coisa, Sá Zeferina! A senhora é nossa, do peito! Pra senhora tôdas as porta estão aberta, inclusive a do meu coração. (Numa curvatura) A casa é sua...

ZEFERINA — É? Pois então fique sabendo: Só entro se o pessoal todo entrá!

GUARDA — Isso, mulata! Solidariedade de princípios e firmeza de caractéres!!

CORO — Apoiado! (Vaia.)

PRAXEDES — Um momento! Neste caso eu faço como Pilôto: — lavo as mãos. O 1.º Secretário é quem vai arresolvê! (Chamando para dentro) Seu Escandanhas! (Aparece Escandanhas na sacada.)

ESCANDANHAS — Que é que há?

PRAXEDES — Um enguiço. Sá Zeferina acaba de declará que não comparece ao baile se os demais membaros ficá de fóra. E nenhum dêles tão em dia com a tesouraria...

ESCANDANHAS — Mas abri êste precedente é abalá os alicérceos, a base fundamental, a própria inconomia entrinsêca do nosso clube!

GUARDA — Êsse mulato tem valor mesmo! Qual Homero, qual Ruy Barbosa! Tudo isso junto dêle é zero!

ZEFERINA — Não adianta vi com os teus canto de sereia. Vamos vê logo. Sim ou sôpas! Arresorve logo!

ESCANDANHAS — Que posso eu fazer diante do seu repto? A solução é entrá tudo, mesmo! (Vivas entusiásticos de todo o pessoal.)

ESCANDANHAS — Entram todos, mas tem um porém... aquêle que se fizé de bêsta, o guarda se compromete a pegá êle!

GUARDA — Tratarei de pegá-lo.

SEBASTIÃO — Galo! E as galinhas, seu Guarda?

GUARDA — Não se impressione. Vivas ou mortas, elas hão de aparecer! (Desembainha o chanfalho e ordena:) Em forma! (Canta) Forrobodó de massada, gostoso como êle só, é tão bom como a cocada, é melhor que o pão de Ló.

CÔRO (repete)

Forrobodó de massada,  
gostoso como êle só...

GUARDA —

Chi, a zona está encrencada!  
Meu Deus, que forrobodó!

Tem enguiço, tem feitiço,  
na garganta dá um nó.

SEBASTIÃO — Então, seu guarda que é [isso?

CÔRO — Meu Deus, que forrobodó!

SEBASTIÃO —

Mas, então, pelo que vejo,  
não apanho um frango só.

GUARDA —

Eu vejo que já não vejo  
Meu Deus, que forrobodó!

(Guarda oferecendo o braço a Zeferina) Engata aqui! (Com ar solene transpõe a porta de entrada, seguido do resto do pessoal. Praxedes está de braços cruzados. Cada um que passa por êle estica a língua, vitorioso.)

FIM DO 1.º ATO

## 2.º ATO

(Salão de baile. Ao fundo, em plano elevado, o palanque da charanga, composta de bombardão, clarinete, flauta, pistão de vara, caixa e violão. — Executa-se uma quadrilha, marcada por Escandanhas e dançada por todos os presentes.)

ESCANDANHAS — Alabautú! Chá de dentro! Gran chen de paletó rodondo! Anda roda! Outra vez! A ces places! Balancete! Atencion! Changer de damas! Trocá de parêias... (Confusão. Cada qual procura o seu par.)

ZEFERINA — (Ao Guarda) Tira êsse chanfallo, que está me atrapalhando as pernas, home! (Entram seis "corretos" pretos, de branco, calças bombacha, polainas e flor à lapela. As mulatas, inclusive Zeferina, vão juntar-se a eles, abandonando bruscamente os seus pares. A um sinal do maestro, a charanga pára de tocar.)

GUARDA — (A Escandanhas) Está tudo perdido! Os corretos abafaram a banca...

1.º MULATA (A 1.º Correto) — Tudo de branco, heim? Môsca no leite...

1.º MULATO — Acabou de sair da lavanderia...

ZEFERINA — (A 2.º Correto) Bonitô cravo!

2.º CORRETO — (Retirando a flôr e oferecendo-a a Zeferina) — Permita floreá-la...

ZEFERINA — (Colocando o cravo no seio) Vem de encontro ao meu anseio...

ESCANDANHAS — (Ao Guarda) Eu vou já acabá com essa concorrência desleá, espera aí... (Dirige-se aos pretos.) Embora contra gôsto, eu sou folgado, cavalheiros, a vos adverti que estão frigindo o regulamento. O inteneraro nas nossas soirê dançante é fraque preto. Jamais foi aqui permitido outro quarqué aliforme...

4.º MULATO — Bem, se é assim, só nos resta uma artenaltiva: — cambá fóra. (Faz um sinal aos companheiros) Desenfeta o bêco, companhêros!

2.º MULATA — Como é? Vocês vão zarpá? Se forem me levem de reboque...

3.º MULATA — E duas!

ZEFERINA — E três!

GUARDA — (A Escandanhas) Acho melhor revogar as disposição em contrário, senão o salão fica despido do alimento feminino, seu Escandanhas... (Os "Corretos" vão saindo, de braço, com as mulatas.)

ESCANDANHAS — (Aos pretos) Por obsequio, faz favô! Atendendo a inúmeros pe-

didados, arresorvi abri uma exepição — Fica o dito por não dito! (As mulatas aplaudem.)

FUZILEIRO — Maestro, continua! (A orquestra volta tocar a quadrilha. Escandanhas, Guarda, Praxedes, vão ao encontro das suas damas, mas estas vão caindo nos braços dos "Corretos". — E a quadrilha continua, marcada, agora por 1.º Mulato.)

1.º MULATO — Caminho da roça! Quem trouxe não leva! Balancete com a vizinha da frente! Meia vorta vorvê! (As mulatas se desmancham a rir, enquanto os engeitados se agrupam, de um lado da cena, visivelmente contrariados.)

(Bico Doce aparecendo na porta do fundo, depois de enfiar dois dedos na bôca e soltar um estridente assobio) — Dão licença? (Interrompe-se a dança, todos se voltam para o fundo. Cessa a música. Rufos de caixa.)

PRAXEDES — Eis que surge, meus senhores, um insigne arrepresentante da imprensa. (Bico-Dóce dirige-se para o centro de cena.) Tenho a honra de vos apresentá o doutor Bico-Dóce. (A Bico-Dóce, indicando Escandanhas:) Aqui o nosso iminente secretário.

ESCANDANHAS — Escandanhas da Purificação, com salão de barbeiro a duzentos réis barba e cabelo, à rua da Saúde. Apricam-se ventosas.

ZEFERINA — E poeta.

ESCANDANHAS — Nas horas vaga. A aparecê: os "Gemidos surdo", volume brochado com duzentas página. (Apertam-se as mãos. Indicando Zeferina: —) Aqui a nossa invicta porta-estandarte, perdição da colônia portuguesa domiciliada no Brasil.

ZEFERINA — (Remexendo as ancas) Talvez te escreva, com tinta rôxa...

ESCANDANHAS — (Baixo, a Zeferina) Não sacode tanto a chocolateira, mulata. Seja mais discreta. Que é isso?

PRAXEDES — (Apresentando o Guarda) O mantenedô da ordem.

BICO-DÓCE — (Batendo uma continência) Capitão!

GUARDA — Não debocha! (Indicando Sebastião) O galinheiro. (Sebastião afasta-se, praguejando.)

ESCANDANHAS — Falta o nosso indigno presidente. Cadê o presidente? (Gritando para dentro) Seu Barradas! Seu Barradas!

BARRADAS — (Entrando) (Com um guardanapo amarrado ao pescoço) Que é lá? Que diabo está bocê a berrar pra i?

ESCANDANHAS — O Barradas.

BARRADAS — Joaquim Farias dos Magalhães Barradas, natural da Porcalhota. Grau 33 da mercearia, com armazém de secos e molhados "Ao não se fia", pro serbir. (**Bico-Dôce estende-lhe a mão:**) Tire pra lá o bacalhau. Estou casmões sujas do dito, que hoje cá o temos e do bom.

ESCANDANHAS — O doutor Bico-Dôce.

BICO-DÓCE — Redator-contínuo do "Jornal do Brasil".

BARRADAS — Ah! É jornaleiro? (**A Escandanhas**) Ó sor Escandanhas. Antão? Que mais está à espera pra meter o **discursio**?

ESCANDANHAS — (**Depois de retirar da aba do fraque várias fôlhas de papel que passa a ler.**) Meus senhores, minhas senhoras de ambos os sexos: Revertere ad locum tum! Faltaria ao mais **salgado** dos deveres, se, neste momento **solênico** não erguesse a minha débil voz para exaltar a **colidade** orgânica da-quê que desapareceu! (**surprêsa geral**) O grêmio recreativo familiar dançante Flor do Castelo do Corpo da Cidade Nova cobre-se de luto...

TODOS — Oh!

BARRADAS — Cobre-se de quê?

ESCANDANHAS — Cobre-se de luto...

BARRADAS — Não se cobre de coisa nenhuma, sua vêsta!

ESCANDANHAS — Cobre-se sim, senhor. Está aqui escrito. Eu ainda tenho dois olhos na cara. Está aqui escrito!

FUZILEIRO — Você se estrepou, moreno! Este discurso é o que foi lido no cemitério de Marui, por ocasião do enterro de falecido tesoureiro Zacaria, quando bateu o 31.

BARRADAS — Isto só pelos diabos! (**Gritando para dentro**) Ó Rosa! Ó mulher! (**Aparece à porta da E. Rosa, uma crioula, limpando as mãos no avental.**)

ROSA — Nhô?

BARRADAS — Cadê-los os papéis do discurso do recepção que estavam na gaveta do aratório?

ROSA — Ôi! Vai vê que foi aquêles que os menino andou co êles às vorta pra fazê papagaio!

BARRADAS — Papagaio! (**Dá sôcos na cabeça.**) Isto só a mim m'acontece! Raios os partam e mais à mãe que os pôs no mundo! (**Sai, fuzilando.**)

GUARDA — Não, o velho tem razão. O caso é mesmo para dar o discurso... (**A Escandanhas**) Mas não se impressione. Eu vou salvar a situação **arrecitando** para esta **seletra** assistência uma poesia. (**Palmas**).

CÓRO — Atenção! O Guarda vai recitar!

GUARDA — Trata-se de um troço publicado no almanaque da "Saúde da Mulher", da lavra do grande poeta brasileiro... Como é mesmo o nome dêle? Bem, isto não vem ao **causo**. (**Anunciando**) A caridade e a justiça! (**Recita**)

No tope do Carvalho erguia-se uma cruz  
E assim, em volta dela um bando de urubús.  
A noite estava safada.

Nuvens de cambulhada

Corriam pelo azul do firmamento

Ao assoprar do vento!

Nisto Judas chegou,

O miserável, por trinta mil réis,  
tinha acabado de vender o Cristo.

Ao ver aquela farra, perguntou: que é isto?

E uma coruja

que estava em cima do aparador  
assim lhe respondeu:

— é a tua obra, traidor!

Judas encabulou

e tirando do bôlso um comprido barbante,

e vendo ali ao pé

um pé de bananeira,

deu-lhe logo vontade de fazer uma asneira.

E praguejou:

Ó remorso cruel, que tanto me atazanas!

Cuspiu pro lado

e ali ficou dependurado

como se fôsse um cacho de bananas! (**Aplausos. Enxugando uma lágrima**)

É mais forte do que eu. Cada vez que recito êste negócio, dá-me um nó gogó!

ZEFERINA — (**A Escandanhas, que está pensativo, batendo-lhe no ombro**) Em que pensas, Cardeal? Tristezas não pagam dívidas...

ESCANDANHAS — Você acha pouco o vexame? Mas também uma coisa eu te garanto: de hoje em diante não serei mais orador oficial desta meléca!

ZEFERINA — Isto é besteira. Mas escuta aqui: onde é que você anda com a cabeça? Nas nuvens. Pensando em quê?

ESCANDANHAS —

Pensando em ti! (**Canta**)

Não sei porquê te amei,

Siá Zeferina.

Porquê foi que te encontrei.

Maldita sina!

Esta dor no coração

que sinto agora

é loucura da paixão

que me devora:

Se te encontro, ó tanajura,

eu me enterneço

e da vida as amarguras

logo esqueço.  
Mas se as vez bêbo um bocado,  
ai, podés crê  
é por ser tão desprezado  
por você!

ZEFERINA —

Seu cantor da madrugada  
eu te agradeço.  
Tanta frase apaixonada  
não mereço.  
Mas não posso as aceitá,  
por Deus que não,  
Pois conheço a tua má  
reputação.

ESCANDANHAS —

Não sei porque te amei,  
Siá Zeferina!

ZEFERINA —

Porque foi que te encontrei  
ali na esquina.

ESCANDANHAS —

Arde em nossos corações  
chama perene.

ZEFERINA —

Somos dois, dois lampeões  
de querozene!

TODOS — Bravíssimo! Siá Zeferina! Foi  
mesmo ao pé da letra!

ZEFERINA — E vocês ainda não viram  
nada. Hoje estou afrônica.

BICO-DÓCE — Como arranjou isso, mal-  
mazel?

ZEFERINA — Foi ante ontem. A patrôa  
havia saído. Eu fui experimentar uma soirée  
dela, que me cabia como uma luva, e me es-  
queci da panela no fogo e entrou o bispo no  
feijão. Quando a dona voltou e tomou conhe-  
cimento das ocorrências, me sapecou na rua  
e eu tive que enfrentá o orvalho da noite.  
Acabei apanhando êste resfriado na garganta,  
que nem um dó de meia fôrça posso dar!

1.º MULATO — Mas como é? A orquestra  
não dá um ai da sua graça?

PRAXEDES — (A maestro, que está dor-  
mindo) — Maestro Frásão, acorda pra cuspir!

MAESTRO — (Levantando-se) Heim? Per-  
dão, pensei que a minha humilde figura ti-  
vesse sido equilipçada!

ESCANDANHAS — Modéstia, Maestro! Tu  
é um patrimônio nacioná, e estaria mêmoo ao  
lado dos maió gênio da Orópa se não fôsse  
anarfabeto.

MAESTRO — Obrigado. Eu peço premis-

são ao nobre colega prá transmiti êsses elo-  
gios aqui a todos os professô da orquestra.  
(Os músicos põem-se de pé, sob aplausos.)

(Canta)

Entra firme, seu Manduca,  
agora avança os metá!  
Sustenta a nota, seu Juca,  
Fum-fum-fum-fum fungagá!

Enquanto o bronze demora  
tapiando o violão,  
A clarineta vai embora.  
Vórta depois com o pistão.

Ao som da varsa chorosa  
na maior animação  
todos dança, todos goza —  
Só quem não dança é o Frazão...

ESCANDANHAS — (Batendo palmas) Se-  
nhores consócios e senhoras consócias! Aten-  
ção! Chegou o momento de se retemperá os  
organismo. Saco vazio não fica em pé, já di-  
zia o grande fisólofo lusitano Jaques Pires!

GUARDA — Êsse moleque é mêmoo das  
arabia! Não perde ocasião de mostrá a sua  
cultura!

ESCANDANHAS — Antes, porém, de to-  
marmos assento nas mesa do fuaiê, arreo-  
mendo aos ilustre conviva que se sirvam das  
comedoria com indiscreção e evitem, se possí-  
ve, carregá os taié no bôrso. Cavalheiros, levá  
damas ao bufête!

### MARCHA FINAL

ESCANDANHAS —

Vamos ao vinho,  
à bagaceira  
e às empadinhas  
de camarão!  
Vamos às papas,  
ao porco assado,  
e à feijoada  
de estimação!

Tudo é de graça,  
não custa nada!  
Só a rabada  
São dez tostão!

CÓRO —

Tudo é de graça,  
não custa nada!  
Vamos ao grude!  
Segue o cordão!

(Saem todos pela esquerda, de braço da-  
do, em passo de marcha, convidados pelo  
Guarda, de chanfalho em riste.)

FIM DO 2.º ATO

## 3.º ATO

(Mesmo cenário do 2.º Ato. Vozes no interior.)

UMA VOZ — Hip, hip, hurra! (Palmas. Entra Rita, pensativa, medindo os passos. A seguir, o maestro.)

MAESTRO — (Num salto) Rita!

RITA — (Assustada) Vôte! O senhor parece assombração! Me prega cada susto...

MAESTRO — Ritinha, a minha arma de artista, neste momento, vibra...

RITA — Vibra é fióte de cobra, não é?

MAESTRO — (Continuando) Vibra como uma corda de violino tangida pelos dedos de Cupido...

RITA — Fala logo o que tem que falar, Maestro.

MAESTRO — Tem razão. Serei menos prolixo. Em suma: eu ando rôxo por você!

RITA — Por mim? (Torcendo o vestido) Eu não sou merecedente...

MAESTRO — Sim, amo-a. E amarâ-la-ei internamente.

RITA — Posso, entretanto, sabê quais é as suas intenção?

MAESTRO — Casar, ali, na exáta!

RITA — Então o Cazuzza vai ficar sem a sua ama-sêca. Porquê, pra que negar? — eu sou sêca mas é por você! (Cantam)

MAESTRO —

Sinhá Rita, que tortura,  
eu não posso mais regê.  
A batuta, nesta altura  
não me qué obedecê!

Ai, criadinha,  
tão bonitinha,  
ai, que derrigo!  
ai, que feitiço!

RITA —

Eu também ando encrencada.  
Cada vez tô mais confusa.  
Ficou entupigaitada  
a chupêta do Cazuzza.

Meu maestrinho,  
tão meudinho  
Meu bom-bocado  
tão desejado!

MAESTRO —

Quando formos casadinhos  
eu sempre agarrado a ti

vou te dá muitos beijinhos.  
Dó ré mi fá sol lá si...

RITA —

Na noite do casamento  
vai haver forrobodó  
com a batuta em movimento.  
Si lá sol fá mi ré dó... (Vozes que se aproximam).

MAESTRO — (Agarrando-a) Me oscúla-me, querida! chapa a minha bôca com o carimbo dos teus lábios! (As vozes cada vez mais se aproximam.)

RITA — Me larga, que vem gente! (Os dois se separam. Maestro corre para o estrado da orquestra. Rita sai pela esquerda, esbarrando no Guarda, que entra, acompanhado de Sebastião.)

GUARDA — (Palitando os dentes) Aquê peixe coberto com ovos não era peixe — era bacalháu.

SEBASTIÃO — Ovos? (Pondo as mãos à cabeça) E os frangos, meu Deus?

GUARDA — Não se impressione. Dou-lhe a minha palavra de honra que vivos ou mortos os seus frangos hão de aparecer. (Entram, de braço dado, Escandanhas, Zeferina, Barradas, Rosa, agora enfiada numa toilette de baile, com plumas à cabeça e luvas compridas, mulatas e mulatos — todos eufóricos.)

BARRADAS — Ah, rapazes! Estou abarrotado! Pruponho um biba cá à mulher que se arrebelou uma cozinheira de mão cheia, raios a partam!

TODOS — Viva a D. Rosa! Vivôo!

BARRADAS — (Dando-lhe um pescoção, carinhoso) Aguardece, estapôre!

ROSA — Brigada. (Forte discussão fóra)

UMA VOZ — Não pode, já disse! Seu carona indesejáve!

OUTRA VOZ — Repete! Repete que te faço engoli já essa dentadura! (Voltam-se todos para o fundo. Aparece Lulú.) E quem tiver a coragem de me chamar de feio, que apa-  
reça!

ZEFERINA — Ih! O Lulú! O pinta brava! Acabou-se o baile!

LULU — (Ajeitando o cinto e com passos de capoeira) E tem mais uma coisa: não vim só. Vim de francêsa. E vocês têm que respeitar o meu chavéco. (Para fora) Entra, madama!

FRANCESA — Bonjour, messieurs-dames!

LULU — (Canta)

Não vejo cara em vocês,  
 não me destorce quem quer.  
 Sou chapa 46 —  
 bonde Lapa-Carceler.  
 Já fui cabo eleitoral  
 de um partido não sei donde,  
 Já fui bandeira de bonde,  
 e graxeiro da Central.

Três meses fiscal de lixo  
 num cafundó suburbano,  
 cinco meses banquei bicho  
 Sou vagabundo há dez ano!

ESCANDANHAS — (A Lulú) Falando é  
 que a gente se entende... (Dirigindo-se à fran-  
 cêsa) Madame, como é mesmo a sua graça?

LULU — Madame Petit-pois, com escola  
 de corte e professôra de línguas.

ESCANDANHAS — Parfaitement. Mada-  
 ma, em nome da diretoria eu... Quem é que  
 maneja aí a língua de Molière?

GUARDA — Língua de mulher é comigo.  
 (À francêsa) Madame, voulez-vous de quel-  
 ques chôses de merci beaucoup?

MADAME (Rindo-se) Je ne comprends  
 rien de tout, monsieur.

GUARDA — Ela está dizendo que desculpe  
 ela estar se rindo de tudo. Mas é natural. Ela  
 é mesmo da vida alegre... (À parte) Rira  
 bien que rira com o derrière... Eu conheço  
 esta zinha de outras casas...

BARRADAS — Bem, já q'a madama en-  
 trou, deixa ficar. Tome assento onde quiser.  
 E comece o baile. (Francêsa senta-se a um  
 canto da sala, acompanhada de Escandanhas)

LULU — Espera aí. E não tem umas ça-  
 chaça pra gente refresca os corações?

BARRADAS — Pelo amor de Deus! (Gri-  
 tando para dentro) Ô Rosa!

ROSA — (Que havia saído a correr pela  
 porta da E., metendo a cabeça para fóra da-  
 quella porta) Nhô!

BARRADAS — Uma lambada d'aquela que  
 eu uso, aqui pro nosso convidado. (A Lulu)  
 Entre, meu amigo. A casa é sua... (Lulu sai  
 pela E. Escandanhas vai ao encontro da fran-  
 cêsa.)

ZEFERINA — (Ao Guarda) Aquilo é cafifa  
 até o Chico vir de baixo.

GUARDA — Isto hoje é uma profissão  
 como outra qualquer. Tá muito generalizada.  
 Só eu posso dizer de bôca cheia: nunca levei  
tostão de mulher. Mas nunca é tarde para co-  
 meçar... (Dirige-se para junto da francêsa)

GUARDA — Posso metê uma palavrinha,  
 madama?

ESCANDANHAS — (Afastando-o) Tem  
 gente!

ZEFERINA — (Que se colocou por trás  
 de Escandanhas sem por êste ser percebida)  
 Tem gente, não é vagabundo? Tu me arrespei-  
 ta, viu? Olha que eu sou muito home pra ar-  
 rancá os chichís dessa polaca!

ESCANDANHAS — Não faz sujeira, Siá  
 Zeferina! O que é teu está guardado aqui  
 dentro do meu peito.

ZEFERINA — (Empurrando-o) Sai daí  
 pra fóra antes que eu te meta a mão na cara,  
 vagabundo! (Escandanhas, afasta-se, gingan-  
 do.)

FUZILEIRO — (Palmas) Vai-se dançar um  
 maxixe!

GUARDA — (À francêsa, oferecendo-lhe o  
 braço) Tem par para esta, excelença?

FRANCÊSA — Avec plaisir, monsieur...

(Dueto)

GUARDA —

Madama, tu qué me dá  
 uma aulas de franciú?

FRANCÊSA —

Oui, je te donnerai,  
 Marque-moi um rendez-vous.

GUARDA —

Lá nas Marreca não vou  
 e se fôr é de relance.

FRANCÊSA —

Aprés le forrobodó.  
 Maintenant je veux la danse.  
 Viens comigue, maxixê...

GUARDA —

É só querê...

FRANCÊSA —

J'aime ça mon petit cochon

GUARDA —

Colchão tá bom...  
 Dormir, sonhar... que prazê!  
 Tu qué, meu bem, me embalá?...

FRANCÊSA —

Tu peux faire ce que tu quiser  
 mais ne me chatouille pas...

GUARDA —

Lá nas Marrecas não vou  
e se fôr é de relance...

FRANCÊSA —

Aprés le forrobodô.  
Maintenant je veux la danse.  
Viens comigue maxixê.

GUARDA —

É só querê.

FRANCÊSA —

J'aime ça, mon petit cochon!

GUARDA —

Colchão tá bom...  
Dormir, sonhar... que prazê!  
Vem, meu amor, me embalá.

FRANCÊSA —

Tu peux faire ce que tu quiser,  
mais ne me chatouille pas!

(Dançam todos o maxixe. Durante a dança, por várias vezes, Guarda mergulha a cabeça no colo da Francesa e esta, volta o rosto, repugnada com o cheiro da banha que êle usa... O Guarda percebe o jôgo, visivelmente contrariado. Lulu entra pela E. atracado com uma costeleta de porco, seguido de Rosa.)

LULU — Onde é que anda êsse português?

ROSA — Moço, me dá o despertadô que o sinhô enfiou no bôrso!

LULU — É mêsmo! Que distração a minha! (Entrega o despertador à Rosa, que sai, resmungando.) Seu Barradas!

BARRADAS — Que mais quer bocê, rapaz?

LULU — (Falando grudado ao rosto de Barradas) Trata-se do seguinte:

BARRADAS — Bira pra lá a fucinheira. Estás com um bafo d'água ardente, que inté me causa nózes!

LULU — O negócio é simplíssimo. Eu estive pensando... Me passa aí vinte e te cedo a francêsa por esta noite. É ou não é negócio?

BARRADAS — Não. (Catando uma nota entre várias que retira do bôlso) Levas os vinte,avas a Francêsa e promete esquecer o número da minha porta, combinado?

LULU — Está certo. (Recebe o dinheiro e dirige-se à Francêsa, que, nesta altura, tem a

volta de si, o Maestro, o Fuzileiro, Praxedes e o Guarda)

FRANCÊSA — (Soltando gostosas gargalhadas) Oh, qu'ils sont bêtes ces tipes lá! (Com a aproximação de Lulu, todos se afastam. Lulu senta-se, sentando a Francêsa sobre os joelhos.)

GUARDA — (Indicando os dois ao Fuzileiro) Não, o ambiente está se tornando nitidamente familiar...

FUZILEIRO — Essa madama é escândiosa mesmo. Eu até vou promovê um desafio, pra desviá as atenção pr'aquêle quadro assás chocante... (Bate palmas) Chegou o momento do puxa-frieira! Vamos ao desafio!

TODOS — Ao desafio!

FUZILEIRO —

Quem possa puxar frieira  
Muito melhor do que eu?  
Procurem na terra inteira,  
Que o cabra inda não nasceu!

CÓRO —

Ora bate mulambo,  
bate, coió!  
Faz o corpo bambo  
de uma banda só!

ZEFERINA —

Seu doutor, nesta sabença,  
quem quiser me competir,  
peça um ano de licença  
prá poder arresistir!

CÓRO —

Ora bate, mulambo, etc.

GUARDA —

Eu não sou muito letrado,  
mas faço sempre uma aposta:  
Num desafio rasgado  
Comigo ninguém encosta!

CÓRO —

Ora bate, mulambo, etc.

ESCANDANHAS —

Eu garanto, todo ancho  
que, na hora das comida,  
todo inteiro me desmancho  
como banha derretida!

CÓRO —

Ora bate, mulambo, etc.

**BARRADAS — (Consultando o relógio)**

Bem, rapazes. São onze horas aqui na minha cebôla. E eu não sou sócio da Light. Bou apagar o gás e recolham-se bossemecês a penates...

**SEBASTIÃO —** Penates! E as penosas? E as penosas?

**FUZILEIRO —** Senhores membranos e senhoras membranas. Vamos dar iníço ao leilão de prendas!

**ESCANDANHAS —** Bem lembrado! A aurora já bruxoleia. Os passarinhos estão acordando pra fazer piu-piu!

**GUARDA —** Bonita image!

**TODOS —** Ao leilão!

**ZEFERINA —** Quem é o leiloeiro?

**PRAXEDES — (Entrando com vários embrulhinhos e uma travessa coberta com uma toalha.)** Cá estou eu! (Palmas. Coloca os objetos sôbre um banco, e trepado numa cadeira, exibindo uma manteigueira, começa a leiloar.) Temos aqui, meus senhores, uma vitrea e cristalina manteigueira. Com uma pequena rachadura que não lhe tira, entretanto, o valô artístico. Quanto me dão pela, manteigueira?

**MAESTRO —** Dois tostões!

**PRAXEDES —** Tenho dois tostões pela manteigueira. Dois, dois tostões, dois! Ninguém dá mais? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três! (Entregando a manteigueira ao Maestro.) É sua. (Exibindo um pequeno frasco.) Temos agora, meus senhores, um vidro de delicada e perfumosa Água Flórida! É um produto indicado para cortar o cheiro de barata que predomina em excesso em certos ambientes fechados. Quanto me dão pelo vidro de Água Flórida, meus senhores? Quanto me dão?

**LULU —** Quinhentos réis para o meu pedaço!

**PRAXEDES —** Quinhentos réis, quinhentos réis, quinhentos...

**GUARDA —** Seiscentos pra Siá Zeferina!

**PRAXEDES —** Seiscentos réis, seiscentos réis.

**LULU —** Setecentos! E o cheiro é pra Francêsa...

**PRAXEDES —** Setecentos, setecentos, setecentos réis. . .

**GUARDA —** Oitocentos e a Francêsa não leva. Quem vai levar é Siá Zeferina!

**PRAXEDES —** Oitocentos, oitocentos, tenho oitocentos pela Água Flórida!

**LULU —** Ah, é assim? Então novecentos

réis. E quero ver quem dá mais uma palavra aqui.

**GUARDA — (Estende o indicador da mão direita e juntando o polegar e o indicador da esquerda, em forma de zero).**

**PRAXEDES —** Desconheço êsse lance...

**GUARDA — (Baixo)** Dez... E Siá Zeferina vai se perfumar. E quem não concordar com isso, prepare-se para sentir o cheiro da banha que eu uso!... (Ameaça uma cabeçada.)

**LULU — (Dando um pulo para o centro da cena)** Êpa! Então vamos a isso! Quem não quiser entrar no brinquedo desafaste, porque vai correr muito melado! (Recua tôda gente. Maestro cai numa cadeira com gritos histéricos. Rita corre a abaná-lo.)

**1.º MULATO —** Calma, seu Lulu. (Procura detê-lo, mas recebe um rabo de arraia e estende-se no chão. Fuzileiro, 2.º, 3.º e 4.º Mulatos, agarram-se a Lulu.)

**2.º MULATO —** Solta a faca!

**FUZILEIRO —** Deixa de besteira!

**3.º MULATO —** Não vale a pena! (Estas frases são ditas simultâneamente. Enquanto isso, o Guarda vai se esconder, de cócoras, atrás de um banco.)

**LULU —** Me larga! (Livre, apanha uma cadeira e atira-a ao chão.)

**BARRADAS — (Quase chorando)** Ó meu amigo, sulpicu-lo pela saúdezinha da senhora sua mãe. Rache lá a cabeça de quem lh'apeter, mas poupe-me os móveis. (Lulu arrebatada o vidro que Praxedes conserva na mão.)

**LULU —** Me dá esta porcaria! E tem mais uma: não pago, estás ouvindo?

**BARRADAS —** Pois está bisto... O senhor não paga nada!

**LULU — (À Francêsa)** Anda d'ai!

**FRANCÊSA —** Comment?

**LULU — (Dando-lhe um empurrão)** Cai fora, anda! (Saem pelo fundo.)

**GUARDA — (Saindo do esconderijo, e procurando pelo chão)** Quantos são os feridos? (Gargalhada geral.)

**ZEFERINA — (Ao Guarda)** Lamento ter sido a causadora dêste lamentável acidente, mas dou-lhe meu parabens pela sua altitude. Tu é machão mesmo!

**GUARDA — (Pernóstico)** Você ainda não viu nada...

**PRAXEDES —** Depois desta pequena pausa pra meditação, vai prosseguir o leilão! Temos agora, senhoras e senhores — um precioso donativo do nosso querido Guarda-Nocturno! Trata-se de... (Retira a toalha e aparecem dois frangos assados) Dois frangos assados. (Guarda põe-se a rir, perdidamente.)

**SEBASTIÃO —** Os meus frangos!

GUARDA — Eu não lhe disse? A justiça tarda mas não falha. Vivos ou mortos eles haviam de **aparecê!**

SEBASTIÃO — Ladrão! (Sai, falcando pelo fundo.)

GUARDA — (Rindo-se) Perdão, não foi um roubo: foi uma requisição!

BARRADAS — Está suspenso o leilão! (Consulta o relógio) Na minha cebôla são onze horas, e aqui não há sócios da Light. Bou apagar o gás! Tratem de me **ebacuar a sédea!**

ESCANDANHAS — Ordens são ordens! Mas ainda temos direito a um maxixe final!

TODOS — Ao maxixe!

ESCANDANHAS —

Pessoal, está na hora da festança terminar, mas antes d'irmos embora toca tudo a maxixar!

CÓRO —

Ai, ai, que forrobodó!  
bom como êle só!  
deixem lá falar!

Ai, ai, não afroxa o passo,  
ai, ai, não sai do compasso  
pra não errar!

ZEFERINA —

O maxixe bem remexido e requebrado  
é a alegria das pernas,  
deixa tudo quanto é cara esbodegado  
nos salões da gente chic ou nas tavernas.

CÓRO —

Ai, ai, meu forrobodó,  
és o meu chodó  
Pra quê negar?

Ai, ai, não abaixe o pano,  
aguenta, mano,  
até cansar!

(Todos dançam.)

P a n o

F I M



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: FORROBODÓ

Nome do Autor: LUIZ PEIXOTO e CARLOS BETTENCOURT

~~Nome do Autor:~~ Música de Francisca Gonzaga

Gênero: Burlesco

Entrecho: Retrata o povo carioca amante do carnaval, apresentando algumas figuras do povo, com sua gíria irreverente, participando de um ensaio de samba em uma sociedade de bairro.

Apreciação morais:

Observações: Sôbre a letra original (pg.5 do folhêto) colaram outra datilografada (contrariando um artigo que diz "sem emendas ou rasuras) c/ as palavras "trepadeira" e "trepap", que deverão ser retiradas por seu sentido popular indecoroso . DEVERÁ SER ASSISTIDO O ENSAIO GERAL .

Classificação final: Pelo tema abordado e, principalmente, pelo contido à pg.11 com relação à exploração de mulheres, sugiro 18 ANOS .

Brasília-DF. em 6 de dezembro de 1968

~~Censor Federal matrícula n.º~~

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Monteleone, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: FORRO BODÓ

AUTOR: Quiz Peroto e Carlos Bettencourt

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 18 (dequeto) com sentos e Censura Geral.

OBS. \_\_\_\_\_

Em 6/12/68

Monteleone  
Chefe da TCTC

VISTO: \_\_\_\_\_

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em 6.12.68

Quando  
Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acôrdo com voto do Censor

Em 10 Dez 68

Stoyneus  
CHEFE DO SCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

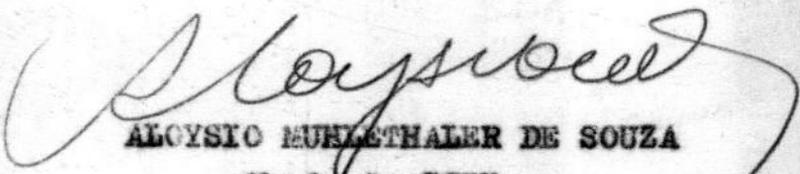
MEM.º N.º 785/68.

Data 10-12-1968

Do: **Chefe do SCDP**  
Para: **Sr. Chefe da TCDF-DR/GB**  
Assunto: **Peça teatral (encaminha)**

**Sr. Chefe:**

Anexo, encaminho a V.Sã., scripts e certificados da peça teatral "FORROBODÓ", de Luiz Peixoto e Carlos Bettencourt, solicitando que referidos documentos somente sejam entregues ao interessado - Companhia Ana Vitória Jackson de Souza - após o exame do ensaio geral, remessa de relatório minucioso a respeito, a este SCDP, e decisão desta Chefia, à vista do mesmo.

  
ALOYSIO MUELTHALER DE SOUZA  
Chefe do SCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO



Certificado Nº 839/68

PEÇA -/::: \* FORROBODÓ \* :::/-

ORIGINAL DE LUIZ PEIXOTO E CARLOS BETTENCOURT

APROVADO PELO S. C. D. P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 10 de DEZEMBRO de 19 69

Brasília, 10 de DEZEMBRO de 19 68

**IMPRÓPRIO**  
**ATÉ 18 ANOS**

*Aloysio Muhlethaler de Souza*  
Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA**

AP/ **COM CORTES**

M. J. - D. P. F.  
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DEANBSB NS. CPR. TEA. PTE. 0367, p. 46/46

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 26 de registro de peças

teatrais, o assentamento da peça intitulada \* FORROBODÔ \*

Original de LUIZ PEIXOTO E CARLOS BETENCOURT

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de COMPANHIA ANA VITÓRIA JACKSON DE SOUZA (GB)

Tendo sido censurada em 06 de DEZEMBRO de 19 68 e recebida

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO)

ANOS, COM OS CORTES ASSINALADOS NO SCRIPT QUE A COMPANHAM O PRESENTE CERTIFICADO.

OBS: ÉSTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO O SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S. C. D. P.

Brasília, 10 de DEZEMBRO de 19 68



JOSÉ SAMPATO BRAGA

Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres